

DA ESTUPIDEZ

Conferência pronunciada em Viena a 11 e repetida a 17 de Março de 1937 a convite da Werkbund (Confederação do Trabalho) austríaca

Senhoras e Senhores

Quem quer que se decida a falar da estupidez corre hoje o risco de ser insultado: podem acusá-lo de pretensiosismo ou de querer perturbar o curso da evolução histórica. Eu próprio escrevi já há alguns anos¹: “Se a estupidez não se assemelhasse, a ponto de se confundir, com o progresso, o talento, a esperança ou o aperfeiçoamento, ninguém desejaria ser estúpido.” Isso foi em 1931; e não há quem se atreva a negar que o mundo conheceu, desde então, inúmeros progressos e aperfeiçoamentos! Assim tornou-se pouco a pouco impossível adiar a questão: “O que é, exactamente, a estupidez?”

Não quero também deixar de dizer que na minha qualidade de escritor, conheço a estupidez desde há muito e que tivemos mesmo, por mais de uma vez, relações colegiais! Além disso, desde que um homem nasce para a literatura, vê surgir uma resistência quase indefinida, e que

lhe parece poder assumir todas as formas: quer seja uma forma pessoal, como, por exemplo, a sempre digna do professor de história literária que habituado a visar distâncias incalculáveis erra desastrosamente o alvo no que se refere à actualidade; quer seja uma forma mais geral, difusa, como a alteração do juízo crítico pelo juízo comercial, desde que Deus, na sua bondade — cujos caminhos permanecem insondáveis — concedeu linguagem humana até aos autores de filmes. Já descrevi noutras ocasiões alguns desses fenómenos; refazer ou completar este balanço não é necessário (e seria uma tarefa provavelmente impossível, com a actual tendência que todas as coisas têm para aumentar); bastará sublinhar, como facto inegável, que a falta de sentido artístico de um povo não se exprime apenas nas más épocas e sob forma grosseira, mas também nas boas e sob todas as formas, de tal modo que entre a repressão ou a proibição e os doutorados *honoris causa*, a atribuição de cadeiras universitárias e as distribuições de prémios, há apenas uma diferença de grau.

Desconfiei sempre que esta resistência multiforme de um povo, que tem pretensões a amar a arte, à criação e a toda a delicadeza de espírito era apenas estupidez, talvez uma variedade particular de estupidez, uma estupidez estética e talvez também afectiva; manifestando-se de tal modo, em todo o caso, que aquilo a que nós chamamos “bel esprit” poderia também ser qualificado de “bela estupidez”; hoje ainda, não vejo muitas razões para mudar de opinião. Sem dúvida, que não podemos reduzir à estupidez tudo o que altera um desígnio tão plenamente humano como o da arte; é preciso também — as experiências destes últimos anos mostraram-no particularmente — reconhecer o papel desempenhado pelas diversas variedades de frouxidão. Não se deve, contudo, objectar que o conceito de estupidez nada tem a ver com isto a pretexto que ele diz respeito ao entendimento e não aos sentimentos de

que a arte, em contraste, releva. Seria um erro. Mesmo o prazer estético é ao mesmo tempo *juízo* e sentimento. E permitir-me-ão não apenas lembrar, que o grande axioma de Kant fala de uma capacidade de julgamento estético e de julgamentos de gosto, mas ainda repetir a antinomia a que, desse modo, ele chega:

Tese: O julgamento do gosto não se baseia sobre conceitos porque em tal caso seria possível discuti-lo (decidir através da prova).

Antítese: Ele baseia-se em conceitos, pois de outro modo não se poderia sequer discuti-lo (procurar uma unanimidade).

Aqui chegado, desejo colocar uma questão: não existirá, na base da política e do caos da vida em geral, um juízo e uma antinomia análogas? E não deveremos esperar encontrar, ali onde o julgamento e razão estão em casa, as suas irmãs e irmãzinhas, as diferentes formas de estupidez? Sobre a sua importância não insistirei mais. Erasmo de Roterdão notou num livro delicioso, que permanece hoje tão actual como no dia em que saiu, o *Elogio da Loucura*, que há certas estupidezes sem as quais o homem nem sequer chegaria a ver a luz do dia!

Podemos ter uma ideia do poder (tão grande como desenganado), da estupidez sobre nós, vendo a amável conspiração de surpresa que geralmente acolhe aquele que pretende, quando era alguém em quem se confiava, evocar esse monstro pelo seu nome. Comecei por fazer sobre mim próprio a experiência; não tardei em ter a confirmação histórica no dia em que, tendo partido em busca de antecessores no estudo da estupidez — de que de resto encontrei apenas um pequeno número, pois os sábios preferem aparentemente tratar da sabedoria! — recebi de um erudito amigo o texto de uma conferência de 1866 cujo autor é Joh. Ed. Erdmann, aluno de Hegel e professor em

Halle. Esta conferência, intitulada *Da estupidez*, começa, com efeito, por evocar os risos que haviam saudado o seu anúncio; e desde que sei que até um hegeliano se pode expor a isso, estou convencido que existe qualquer coisa particular nesta atitude do homem em relação àquele que quer tratar o tema da estupidez; e a certeza de se provocar desse modo um poder psicológico poderoso e profundamente ambíguo enche-me de perplexidade.

Prefiro, pois, confessar desde já a minha fraqueza diante do problema da estupidez: ignoro o que seja. Não descobri uma teoria da estupidez com a ajuda da qual poderia tentar salvar o mundo; nem sequer encontrei, no interior dos limites da reserva científica, um único investigador que dela tenha feito seu objecto, nem sequer o testemunho de uma unanimidade que de qualquer modo se tivesse estabelecido a seu respeito na análise de fenómenos análogos. Talvez isso resulte da minha falta de informação; mas é mais provável que a pergunta: “O que é a estupidez?” seja tão pouco natural ao pensamento moderno como a interrogação: “O que é o belo, ou o bem, ou a electricidade?” O desejo de precisar esta noção e de encontrar para esta questão preliminar a toda a existência uma resposta tão ponderada quanto possível nem por isso é menos viva; é por isso que, um belo dia, também desejei responder à interrogação de saber o que é a estupidez “na realidade”, e não mais sob que forma ela se apresenta, o que seria mais do dever e da competência da minha profissão. E como a ajuda da literatura e a da ciência me era recusada, procurei resolver o problema de modo ingénuo, como se é tentado a fazer em semelhante caso, estudando apenas o uso da palavra “estupidez” e das palavras aparentadas, examinando os exemplos mais globais e esforçando-me por confrontar as minhas observações. Infelizmente, este género de método assemelha-se sempre um pouco à caça às borboletas: pode seguir-se um instante, sem perder de vista, o

objecto que se pensa observar, mas como não tardam a surgir de outros sítios, e com os mesmos ziguezagues, outros lepidópteros semelhantes, fica-se sem saber se continuamos a perseguir o mesmo. É assim que os exemplos da família estupidez nem sempre permitirão ter a certeza se o seu parentesco é verdadeiramente original ou apenas exterior, e se não se passou, por descuido, de um para outro; não será de modo nenhum fácil juntá-los todos sob o mesmo chapéu², do qual se possa dizer, com propriedade, que foi verdadeiramente feito para uma cabeça vazia.

Em semelhante caso, o modo como se começa é quase indiferente; começemos pois não importa como, mas de preferência talvez pelo problema inicial, que é o de quem quiser falar da estupidez ou tirar algum benefício de tais intenções dever partir da hipótese de que ele próprio não é estúpido; quer dizer, proclamar que se julga inteligente, ainda que isso passe geralmente por um sinal de estupidez! Ora, se nos perguntarmos porque é que as coisas são assim, a primeira resposta que nos vem ao espírito parece coberta por uma camada de poeira doméstica ancestral, já que ela afirma que a prudência aconselha que não se demonstre ser inteligente. Esta prudência desconfiada, hoje à primeira vista quase incompreensível, data provavelmente de um tempo em que era realmente mais inteligente, para o mais fraco, não ser considerado como tal! A estupidez, pelo contrário, adormece a desconfiança; ela “desarma”, como ainda hoje se diz. Encontram-se alguns traços deste género de esperteza em certas relações de dependência onde as forças são de tal modo desiguais que o mais fraco experimenta resolver os problemas fazendo-se passar por mais estúpido do que é; assim, por exemplo, naquilo que se chama as espertezas da Normandia, o comércio dos criados com os seus senhores mais hábeis em falar, as relações do soldado com o oficial, do aluno com